

CHRISTINA DALCHER



E SE CADA MULHER



SÓ TIVESSE DIREITO



A 100 PALAVRAS POR DIA?

TOP
SEL
LER

*Em memória de Charlie Jones,
linguista, professor, amigo*

UM

Se alguém me dissesse que, numa semana, conseguiria derrubar o presidente, o Movimento Puro e o Morgan LeBron — aquele incompetente —, não acreditaria. Mas também não argumentaria contra. Não diria nada.

Tornei-me uma mulher de poucas palavras.

Ao jantar, antes de proferir as minhas sílabas finais do dia, o Patrick estende a mão e toca no dispositivo prateado à volta do meu pulso esquerdo. Um toque ligeiro, como se partilhasse a dor, ou talvez o tenha feito para me recordar de que devo ficar calada até ao contador voltar ao zero, à meia-noite. Esta magia acontece enquanto durmo e começarei a terça-feira com ficha limpa. O contador da Sonia, a minha filha, fará o mesmo.

Os meus rapazes não usam contadores de palavras.

Ao jantar, ocupam-se com a conversa habitual sobre a escola.

A Sonia também vai à escola, mas nunca desperdiça palavras a partilhar os seus dias. Ao jantar, entre garfadas de um guisado simples que improvisei de memória sem seguir a receita, o Patrick questiona-a acerca do seu progresso em Economia Doméstica, Educação Física e numa nova disciplina chamada Contabilidade Simples para o Lar. Obedece aos professores? Terá notas altas no final do período? Sabe exatamente que tipo de perguntas fazer: diretas, exigindo apenas movimentos da cabeça como resposta.

Olho e ouço, cravando as unhas nas palmas das mãos. A Sonia acena afirmativamente quando é adequado, torce o nariz quando os meus pequenos gémeos, sem compreenderem a importância de perguntas de sim/não e das respostas limitadas, pedem à irmã que lhes

conte como são os professores, como são as aulas e quais as suas disciplinas preferidas. Tantas perguntas de resposta aberta. Recuso-me a acreditar que compreendem e que a provocam, tentando arrancar-lhe palavras. Mas, com 11 anos, têm idade suficiente para perceber. E já viram o que acontece quando se ultrapassa o limite de palavras.

Os lábios da Sonia tremem enquanto alterna o olhar entre um irmão e outro, com a língua rosada roçando os dentes ou o lábio inferior esticado, uma parte do corpo com vontade própria, ondulando. O Steven, o mais velho, estica uma mão e coloca-lhe o indicador sobre a boca.

Poderia dizer-lhes o que querem saber: só homens nas primeiras filas da turma. Sistema unilateral. Professores falam. Alunos ouvem. Custar-me-ia 13 palavras.

Restam-me 5.

— Como vai o vocabulário dela? — pergunta o Patrick, olhando para mim. Reformula a questão: — Está a aprender bem? — Encolho os ombros. Aos 6 anos, a Sonia deveria ter um arsenal de 10 mil unidades lexicais, soldados que se juntam e ficam em sentido, obedecendo às ordens que partem do seu cérebro jovem e ainda moldável. Deveria porque as três áreas fundamentais do ensino — leitura, escrita e aritmética — ficaram reduzidas a uma: aritmética simples. Afinal, um dia, esperar-se-ia da minha filha que fizesse compras e gerisse um lar. Que fosse uma esposa dedicada e obediente. Precisaria de matemática para isso, mas não de ortografia. Não de literatura. Não de uma voz. — És tu a linguista cognitiva — diz o Patrick, recolhendo os pratos vazios e olhando para o Steven para que fizesse o mesmo.

— Era.

— És.

Apesar do meu ano de treino, as palavras adicionais saem antes que consiga travá-las.

— *Não sou.*

O Patrick vê o contador descer mais dois números. Sinto a pressão no pulso como um tambor ominoso.

— Basta, Jean — diz.

Os rapazes trocam olhares preocupados — o tipo de preocupação que resulta de saber o que acontecerá se o contador passar além desses três dígitos.

1 0 0

É nesse momento que digo as minhas últimas duas palavras de segunda-feira. À minha filha. O «boa noite» sussurrado mal me saiu dos lábios e já os olhos do Patrick se fixam nos meus, suplicantes.

Pego nela e levo-a para a cama. Está mais pesada, quase demasiado crescida para a levar ao colo e exigindo os dois braços.

A Sonia sorri-me quando a cubro com os lençóis. Como é habitual, não há história antes de dormir, nada das explorações de Dora, nada de Ursinho Pooh, de Leitão, de Pedrito Coelho e das suas desventuras na horta da Sra. McGregor. É assustador perceber o que ela passou a aceitar como sendo normal.

Adormeço-a cantarolando a melodia de uma canção sobre cotovias e cabrinhas, reprimindo a letra e com imagens silenciosas na mente.

O Patrick espreita da porta. Os seus ombros, outrora largos e fortes, formam um V invertido. Na sua testa, as rugas têm uma forma semelhante. Tudo nele parece apontar para baixo.

DOIS

No meu quarto, como em todas as outras noites, rodeio-me de palavras invisíveis, fingindo ler, permitindo que os meus olhos dancem sobre páginas imaginadas de Shakespeare. Se me sentir mais caprichosa, o meu texto de eleição poderá ser Dante no italiano estático original. Tão poucas coisas na linguagem de Dante mudaram ao longo dos séculos, mas, esta noite, dou comigo a tentar compreender um léxico esquecido. Penso nas mulheres italianas e na forma como suportariam as novas regras se os nossos preceitos domésticos algum dia se internacionalizassem.

Talvez falassem mais com as mãos.

Mas as probabilidades de a nossa doença atravessar o oceano são escassas. Antes de a televisão se tornar um monopólio federal, antes de termos os contadores no pulso, via noticiários. Da Al Jazeera, da BBC, das três RAI italianas e de outros canais que transmitiam ocasionalmente programas de debate. O Patrick, o Steven e eu víamo-los depois de os mais novos irem para a cama.

«Temos mesmo de ver isto?», resmungava o Steven. Afundava-se na sua cadeira habitual, com uma mão numa taça de pipocas e a outra a compor SMS no seu telemóvel.

Eu aumentava o volume.

«Não. Não temos. Mas podemos.» Quem poderia dizer durante quanto tempo aquilo continuaria a ser verdade? O Patrick já referira o serviço de televisão por cabo, sobre como o acesso a esse serviço pendia por um fio. «Nem toda a gente pode fazer isto, Steven.» O que não disse foi: «Aproveita enquanto podes.»

Mas não havia grande coisa para aproveitar.

Todos os programas eram iguais. Um após outro, riam-se de nós. A Al Jazeera considerava-nos «o Novo Extremismo». Eu teria sorrido se não soubesse que era verdade. Os comentadores políticos britânicos abanavam a cabeça como se dissessem: «Aqueles ianques absurdos. O que andam a tramar agora?» Os peritos italianos, mediados por bonecas com roupa a menos e maquilhagem a mais, gritavam, apontavam e riam.

Riam-se de nós. Diziam-nos que precisávamos de descontraír antes que acabássemos a usar lenços na cabeça e saias compridas e largas. Num dos canais italianos, uma rábula jocosa mostrava dois homens vestidos de puritanos envolvidos num ato de sodomia. Era realmente assim que viam os Estados Unidos?

Não sei. Não voltara lá desde o nascimento da Sonia; e agora nunca mais lá poderei voltar.

Os nossos passaportes foram-nos retirados antes das palavras.

Tenho de clarificar isto: os passaportes de *alguns de nós*.

Descobri isso nas circunstâncias mais mundanas. Em dezembro, percebi que os passaportes do Steven e dos gémeos tinham ultrapassado o seu prazo de validade e descarreguei online três formulários de renovação. A Sonia, que nunca tinha tido qualquer documento além da sua certidão de nascimento e de um boletim de vacinas, precisava de um formulário diferente.

As renovações dos rapazes foram simples, tal como a do Patrick e a minha sempre tinham sido. Quando cliquei na requisição de um novo passaporte, fui parar a uma página que nunca tinha visto antes, com uma pergunta simples: «O requerente é do sexo masculino ou feminino?»

Olhei para a Sonia, vendo-a brincar com blocos coloridos no tapete do meu escritório improvisado em casa e selecionei a opção «feminino».

— Vermelho! — guinchou ela, olhando o ecrã.

— Sim, querida — disse-lhe. — Vermelho. Muito bem. Ou?

— Escarlate!

— Melhor ainda.

Sem precisar de incentivo, continuou.

— Carmim! *Bordeaux!*

— Isso mesmo, bebé. Continua o bom trabalho — elogiei, fazendo-lhe uma festa e despejando mais um conjunto de blocos no tapete.

— Tenta os azuis, agora.

Voltei a olhar para o computador e percebi que a Sonia tinha acertado à primeira. O ecrã estava vermelho. Vermelho como sangue.

Por favor, contacte-nos pelo número abaixo. Em alternativa, poderá enviar-nos um e-mail para requerimentos.state.gov. Obrigado!

Tentei o número uma dúzia de vezes antes de recorrer ao e-mail. Depois disso, esperei uma dúzia de dias antes de receber uma resposta. Ou um tipo de resposta. Uma semana e meia depois, a mensagem na minha caixa de correio instruí-a-me a visitar o departamento emissor de passaportes da minha área de residência.

— Posso ajudá-la, minha senhora? — perguntou o funcionário quando me aproximei dele com a certidão de nascimento da Sonia.

— Pode, se tratar de pedidos de passaporte. — Fiz passar o formulário pela ranhura na barreira de acrílico.

O funcionário, que parecia ter uns 19 anos, pegou-lhe e indicou-me que esperasse.

— Oh — disse, voltando para o guichê. — Preciso do seu passaporte. Só para fazer uma cópia.

O passaporte da Sonia demoraria umas semanas, disseram-me. O que não me foi dito foi que o meu passaporte tinha sido invalidado.

Descobri isso muito mais tarde. E a Sonia nunca recebeu o seu.

No início, algumas pessoas conseguiram sair. Algumas atravessaram a fronteira com o Canadá. Outras partiram em barcos para Cuba, México, para as ilhas. As autoridades não tardaram a montar postos de controlo, e a muralha que separava o sul da Califórnia, o Arizona, o Novo México e o Texas do México já tinha sido construída e o êxodo não demorou a ser travado.

«Não podemos permitir que os nossos cidadãos, as nossas famílias, as nossas mães e pais fujam» disse o presidente num dos seus primeiros discursos.

Ainda acredito que teríamos conseguido se estivesse sozinha com o Patrick. Mas, com quatro filhos, incluindo uma que era pequena demais para não dar saltinhos na sua cadeira de segurança e cantarolar «Canadá» aos guardas fronteiriços... era impossível.

É por isso que não me sinto caprichosa esta noite, não depois de pensar na facilidade com que nos prenderam dentro do nosso país, não

depois de o Patrick me abraçar, dizendo-me que não me devia martirizar com o modo como eram as coisas.

Como eram.

As coisas eram assim: ficávamos acordados até tarde a conversar. Ficávamos deitados nas manhãs de sábado e domingo, adiando tarefas domésticas e lendo o jornal. Costumávamos dar festas, jantares e churrascos no verão quando o tempo melhorava. Costumávamos jogar. Primeiro, espadas e bridge. Depois, quando as crianças passaram a ter idade suficiente para distinguir um seis de um cinco, à batalha ou ao peixinho.

Quanto a mim, costumava ter amigas. «Festas de galinhas», chamava o Patrick às noites em que saía com elas, mas sabia que não o dizia por maldade. Era apenas uma daquelas coisas que os homens diziam. É o que digo a mim mesma, pelo menos.

Costumávamos ter clubes do livro e conversas de café. Debatíamos política em bares, bebendo vinho, e, mais tarde, em caves. Era a nossa versão de ler *Lolita* em Teerão. O Patrick parecia nunca se incomodar com as minhas escapadelas semanais, mesmo que troçasse de nós, por vezes, antes de não restar nada de que pudesse troçar. Éramos, nas suas palavras, as vozes que ninguém conseguiria calar.

Bom... Parece que até o Patrick estava errado.

TRÊS

Quando começou, antes de algum de nós perceber o que o futuro reservava, havia uma mulher que se distinguiu, uma das que falavam mais alto. Chamava-se Jackie Juarez.

Não quero pensar na Jackie, mas, de repente, recuo ano e meio, pouco depois da tomada de posse, e estava sentada na sala com os miúdos, tentando conter o seu riso para que a Sonia não acordasse.

— A mulher na televisão está histérica — disse o Steven, quando regressou à sala com três tigelas de gelado.

«Histérica», odeio essa palavra.

— O quê? — perguntei.

— As mulheres são doidas — continuou. — Não é novidade, mãe. Sabes o que se diz sobre mulheres histéricas e achques maternos.

— O quê? — repeti. — Onde ouviste isso?

— Aprendi hoje na escola. Um tipo chamado Cooke, ou coisa parecida. — O Steven distribuiu a sobremesa. — Bolas. Uma das tigelas é mais pequena. Mãe, queres a mais pequena ou a maior?

— Mais pequena. — Esforçava-me para perder peso desde a minha última gravidez.

Revirou os olhos.

— Sim. Espera até o teu metabolismo chegar aos 40 e tal anos. E quando começaste a ler Crooke? Não sabia que *O Corpo do Homem Descrito* tinha passado a ser leitura obrigatória no ensino secundário. — Ergui a primeira de três porções minúsculas de gelado *rocky road*. — Nem mesmo em Literatura.

— É para Estudos Religiosos Avançados, mãe — disse o Steven. — Seja como for, Cooke, ou Crooke. Qual é a diferença?

— Um «r», miúdo. — E voltei a olhar para a mulher irada na televisão.

Já a vira antes, a falar sobre desigualdade salarial e barreiras à progressão inultrapassáveis, não parando de promover o seu último livro. Tinha um título animador e apocalíptico: *Eles Vão Calar-nos*. Subtítulo: *Tudo o que Precisa de Saber sobre o Patriarcado e a Sua Voz*. Na capa, uma sucessão de bonecas, de *Kewpies* a *Barbies* e *Raggedy Anns*, fitava-nos em technicolor, com as suas bocas de boneca digitalmente alteradas para ficarem cobertas por uma mordança.

— Assustador — disse ao Patrick.

— Exagerado, não achas? — Olhou, talvez com demasiada avidez, para o meu gelado que derretia. — Vais comer isso?

Passei-lhe a tigela, sem afastar os olhos da televisão. Algo nas mordanças me incomodou. Mais do que uma *Raggedy Ann* com uma bola vermelha enfiada na boca me deveria incomodar. Acho que foram as correias. O X preto sobre a face de cada boneca com o centro vermelho como sangue. Pareciam véus improvisados, obliterando todos os traços faciais além dos olhos. Talvez fosse esse o propósito.

A Jackie Juarez é autora daquele e de meia dúzia de outros livros, todos com títulos igualmente incómodos, como: *Senta-te e Cala-te*, *Descalças e Grávidas: O Que a Direita Religiosa Quer que Seja* e o preferido do Patrick e do Steven: *O Útero Andante*. A ilustração de capa desse é medonha.

Começou a gritar com o entrevistador, que talvez não devesse ter dito «feminazi».

— Sabe o que obtemos quando tiramos o feminismo de feminazi? — A Jackie não esperou pela resposta. — Nazi. É isso que obtemos. Prefere assim?

O entrevistador não pareceu afetado.

A Jackie ignorou-o e fixou os olhos maquilhados e desvairados na câmara, parecendo olhar diretamente para mim.

— Não fazem ideia, senhoras. Não fazem ideia nenhuma. Estamos numa derrapagem para a pré-história, meninas. Pensem nisso. Pensem onde ficarão, onde as vossas filhas ficarão, quando os tribunais fizerem o tempo voltar para trás. Pensem em expressões como «consentimento conjugal» e «autorização paternal». Pensem em como será acordar numa manhã para descobrirem que perderam toda a autoridade em

todos os assuntos. — Fez uma pausa após cada uma dessas palavras, cerrando os dentes.

O Patrick deu-me um beijo de boas-noites.

— Tenho de acordar de madrugada, querida. Reunião ao pequeno-almoço com o chefe sabes bem onde. Boa noite.

— Boa noite, querido.

— Ela está a precisar de um calmante — disse o Steven, continuando a olhar para o ecrã. Tinha um pacote de *Doritos* no colo e mastigava-os ruidosamente, cinco de cada vez, recordando que a adolescência não é nada má.

— Gelado *rocky road* e *Doritos*, miúdo? — perguntei. — Vais dar cabo da cara.

— É a sobremesa dos campeões, mãe. Ei, podemos ver outra coisa? Esta tipa é deprimente.

— Claro. — Passei-lhe o comando e a Jackie Juarez calou-se, sendo substituída por um episódio repetido de *Duck Dynasty*.

— A sério, Steve? — perguntei, vendo um montanhês barbudo e vestido de camuflado, numa demonstração eloquente do estado corrente da política.

— Sim. São hilariantes, caraças!

— São doidos. E atenção ao palavreado.

— É só uma piada, mãe. Bolas. Não existem mesmo pessoas assim.

— Já estiveste no Louisiana? — Tirei-lhe o pacote de aperitivos. — O teu pai comeu-me o gelado todo.

— No Carnaval de há dois anos, mãe. Começo a temer pela tua memória.

— Nova Orleães não é o Louisiana.

Ou talvez seja, afinal. Qual é a diferença entre um idiota provinciano a aconselhar homens a casar com adolescentes e um bando de bêbedos mascarados atirando contas a quem lhe mostrar as mamas na St. Charles Avenue?

Não muita, provavelmente.

E ali estava o país em *sound bites* de cinco minutos: a Jackie Juarez no seu fato urbano e maquilhagem *Bobbi Brown* pregando o medo, enquanto os homens dos patos pregam o ódio. Ou talvez fosse o contrário. Os homens dos patos, pelo menos, não me olhavam fixamente do ecrã nem faziam acusações.

O Steven, na sua segunda lata de *Coca-Cola* e segunda tigela de gelado *rocky road* (uma descrição inexata, porque dispensou a tigela e comia os restos de gelado diretamente da embalagem), anunciou que ia para a cama.

— Amanhã tenho teste de Estudos Religiosos Avançados.

Quando começaram os alunos do décimo ano a ter disciplinas de nível avançado? E porque não estudam algo útil como Biologia ou História? Questionei-o acerca das duas situações.

— A disciplina de Estudos Religiosos é nova. Todos podem escolhê-la. Até os caloiros. Acho que a vão incluir no currículo no ano que vem. Ou seja — diz, da cozinha —, não há espaço para Biologia ou História este ano.

— O que é? Teologia Comparada? Acho que consigo tolerar isso... mesmo numa escola pública.

Volta à sala com um *brownie*. A sua ceia.

— Não. É mais tipo... sei lá... filosofia do Cristianismo. Boa noite, mãe. Adoro-te. — Beijou-me na bochecha e desapareceu pelo corredor.

Voltei a pôr a Jackie Juarez na televisão.

Era muito mais bonita ao vivo e era impossível perceber se engrudara desde a pós-graduação ou se era a televisão a acrescentar-lhe os proverbiais cinco quilos. Por baixo da maquilhagem e penteado profissionais, a Jackie parecia cansada, como se 20 anos de raiva fossem visíveis na sua cara — e cada ruga estivesse lá para o provar.

Comi outro *Dorito* e lambi os químicos salgados dos dedos antes de fechar o pacote, pousando-o longe do meu alcance.

A Jackie olhava-me fixamente com aqueles olhos frios que não tinham mudado, acusadora.

Não precisava das acusações dela. Não precisava delas há 20 anos e não precisava delas naquele momento, mas ainda recordo o dia em que começaram. O dia em que a minha amizade com a Jackie começou a desmoronar-se.

— Vens à marcha, não é, Jean? — A Jackie estava de pé, sem soutien nem maquilhagem, à porta do meu quarto, vendo-me deitada entre metade da secção de Neurolinguística da biblioteca.

— Não posso. Ocupada.

— Pelo amor de Deus, Jean, isto é mais importante do que um estúpido estudo sobre afasia. E se te preocupares com pessoas que ainda estão vivas? — Olhei-a, inclinando a cabeça para a direita numa pergunta silenciosa. — Está bem. Está bem. — Atirou as mãos ao ar. — Ainda estão vivos. Desculpa. Estou só a dizer que a coisa do Supremo Tribunal é... bom... está a acontecer agora. — A Jackie chamava sempre «coisa» às eleições, nomeações, confirmações ou discursos. Aquela coisa do tribunal. Aquela coisa do discurso. Aquela coisa das eleições. Dava comigo em doida. Seria de esperar que uma sociolinguista se desse ao trabalho de melhorar o vocabulário, de vez em quando. — Seja como for — disse. — Eu vou. Podes agradecer-me mais tarde, quando o Senado confirmar o lugar da Grace Murray. Passou a ser a única mulher, se te interessar. — Voltou ao assunto «daqueles pulhas misóginos na comissão, há dois anos».

— Obrigada, Jackie. — Não conseguia camuflar o sorriso na voz. Mas ela não sorria. — Certo. — Afastei um caderno e enfiei o lápis no rabo de cavalo. — Podes parar de me torturar? Esta aula de Neurociência está a dar cabo de mim. É a professora Wu neste período e não poupa ninguém. O Joe desistiu. O Mark desistiu. A Hannah desistiu. Aquelas duas miúdas de Nova Deli, as que andam sempre de braço dado e têm os rabos marcados nas cadeiras das salas reservadas da biblioteca, desistiram. Sabes que nós não passamos as terças-feiras a contar histórias engraçadas sobre maridos zangados e esposas tristes e a partilhar a nossa opinião acerca de como as SMS entre adolescentes são a linguagem do futuro.

A Jackie pegou num dos livros que eu levava da biblioteca e estavam espalhados sobre a minha cama e abriu-o, olhando brevemente o título no início da página.

— *Etiologia do AVC em Pacientes com Afasia de Wernicke*. Empolgante, Jean. — Deixou-o cair sobre o edredão e aterrou com um baque baixo.

— É.

— Certo. Fica aqui na tua pequena bolha de laboratório enquanto nós vamos. — A Jackie pegou novamente no livro, rabiscou duas linhas no interior da contracapa e largou-o novamente. — Se tiveres um minuto livre para ligares aos teus senadores, Rapariga da Bolha, faz isso.

— Gosto da minha bolha — disse-lhe. — E esse livro é da biblioteca.

A Jackie pareceria igualmente despreocupada se tivesse escrito na Pedra de Rosetta com tinta em spray.

— Sim. É claro que gostas. Tu e o resto das feministas brancas. Espero que ninguém ta rebente. — Depois saiu, pegando num monte de cartazes.

Quando o nosso contrato de arrendamento chegou ao fim, a Jackie disse que não o queria renovar. Ela e as outras mulheres tinham escolhido um sítio em Adams Morgan.

— Prefiro o clima daquela região — disse-me. — Parabéns, já agora. Terás um quarto de século no ano que vem. Como a Marilyn Monroe disse, isso faz uma rapariga pensar. Fica bem. E pensa no que precisas de fazer para continuares livre.

O presente que me deixou era um conjunto de bugigangas desconexas, um embrulho temático. Dentro de plástico de bolhas, havia um pacote de pastilhas, do tipo que tinha *cartoons* parvos dentro de cada invólucro individual. Um frasco de sabonete líquido rosa com uma varinha mágica de plástico na tampa. Detergente para a casa de banho. Uma garrafa pequena de espumante da Califórnia e um pacote de 25 balões.

Nessa noite, bebi o espumante e rebentei cada bolha no plástico. O resto foi para o lixo.

Não voltei a falar com a Jackie. Em noites como aquela, gostava de o ter feito. Talvez as coisas, a coisa das eleições, a coisa da nomeação, a coisa da confirmação, a coisa da ordem executiva, não tivessem corrido como correram.

QUATRO

As vezes, escrevo letras invisíveis na palma da mão. Enquanto o Patrick e os rapazes falam com a língua, eu falo com os dedos. Grito, lamento e amaldiçoo tudo o que tem que ver com — nas palavras do Patrick — «o modo como as coisas eram».

Agora, as coisas são assim: são-nos atribuídas 100 palavras por dia. Os meus livros, até os velhos exemplares de Julia Child e — que ironia! — a edição de *Better Homes and Gardens* de folhas encarquilhadas e com capa de xadrez vermelho e branco, que uma amiga decidiu que seria uma bela piada como prenda de casamento, estão trancados em armários para que a Sonia não lhes chegue. O que significa que eu também não os posso ler. O Patrick carrega as chaves como uma âncora e, por vezes, acho que é o peso desse fardo que o faz parecer mais velho.

É das pequenas coisas que sinto mais falta: frascos de canetas e lápis nos cantos de cada divisão, blocos de notas entalados entre livros de culinária, a ardósia para listas de compras na parede, ao lado do armário das especiarias. Até dos meus velhos ímanes de frigorífico com poesia, os que o Steven usava para compor frases ridículas misturando italiano e inglês, rindo como um desalmado. Desapareceu tudo. Tal como a minha conta de e-mail.

Como tudo.

Algumas das pequenas banalidades da vida permanecem inalteradas. Continuo a conduzir, vou à mercearia às terças e sextas-feiras, compro vestidos novos e malas, vou ao Ianuzzi's, o cabeleireiro, uma vez por mês. Nunca mudei o penteado. Precisaria de demasiadas palavras preciosas para dizer ao Stefano quanto cortar e quanto deixar. As minhas leituras de lazer limitam-se a *outdoors* publicitários da última bebida

energética, a listas de ingredientes em frascos de ketchup, a instruções de lavagem em etiquetas de roupa: «Não usar lixívia».

Tudo muito empolgante.

Aos domingos, levamos os miúdos ao cinema e compramos pipocas e refrigerantes, aquelas pequenas caixas retangulares com as pepitas de açúcar por cima, do tipo que apenas se encontra em cinemas e nunca em lojas. A Sonia ri sempre com os desenhos animados no ecrã enquanto o público entra. Os filmes são uma distração, a única ocasião em que ouço vozes femininas sem constrangimento ou limitação de palavras. As atrizes têm uma dispensa especial enquanto trabalham. As suas falas, claro, são escritas por homens.

Durante os primeiros meses, folheei ocasionalmente um livro ou outro, rabiscando uma nota rápida na parte de trás de uma caixa de cereais ou numa caixa de ovos, escrevendo uma mensagem de amor ao Patrick com batom no espelho da nossa casa de banho. Tinha bons motivos, muito bons, mesmo — *Não penses nelas, Jean, não penses nas mulheres que viste no supermercado* —, para manter esses desvios dentro de casa. Até que a Sonia entrou certa manhã, viu a mensagem que não conseguia ler escrita com batom e guinchou:

«Letras! Más!»

A partir daí, mantive a comunicação dentro de mim, escrevendo apenas algumas palavras ao Patrick à noite, depois de os miúdos irem para a cama e queimando os papéis numa lata. Com o Steven como é agora, já nem isso arrisco.

O Patrick e os rapazes, no alpendre traseiro perto da minha janela, partilham histórias sobre a escola, sobre a política e as notícias, enquanto grilos cantam no escuro à volta do nosso bungalow. Fazem tanto barulho, os rapazes e aqueles grilos. É ensurdecedor.

Enquanto os ouço, todas as minhas palavras ecoam dentro da minha cabeça, saindo-me da garganta um suspiro pesado e sem significado. Consigo pensar apenas nas últimas palavras que a Jackie me dirigiu.

Pensa no que precisas de fazer para continuares livre.

Fazer mais do que absolutamente nada teria sido um bom ponto de partida.

CINCO

Nada disto é culpa do Patrick. É o que digo a mim mesma esta noite.

Tentou protestar quando o conceito foi referido pela primeira vez entre as paredes côncavas de um gabinete azul num edifício branco na Pennsylvania Avenue. Sei que o fez. A mágoa nos seus olhos foi inconfundível, mas protestar nunca foi o forte do Patrick.

E não tinha sido o Patrick a angariar votos em massa para o Sam Myers antes da última eleição. Não tinha sido ele a prometer ainda mais votos quando o Myers voltasse a candidatar-se. Não era ele o homem a quem, anos antes, a Jackie gostava de chamar São Carl.

Tudo o que o presidente precisava de fazer era ouvir, seguir as instruções e assinar documentos de treta... Um preço pequeno a pagar pelos oito anos como homem mais poderoso do mundo. Mas, quando foi eleito, não restava grande coisa para assinar. Todos os pormenores diabólicos tinham sido já decididos.

Algures pelo caminho, o que era conhecido como Cintura Bíblica — os Estados do Sul onde a religião era o que mais ordenava — começara a expandir-se. Deixou de ser uma cintura e tornou-se um espartilho, apertando tudo menos os membros do país — as utopias democráticas da Califórnia, da Nova Inglaterra, dos Estados do Noroeste, junto ao Pacífico, de D. C. e das regiões mais a sul do Texas e da Florida —, locais tão distantes no extremo azul do espectro que pareciam intocáveis. Mas o espartilho transformou-se num fato-macaco, acabando por alcançar o Havai.

E nunca conseguimos prever o que aí vinha.

Mulheres como a Jackie, sim. Chegou mesmo a liderar a marcha dos dez membros do grupo Ateístas Anarquistas pelo *campus* universitário,

gritando profecias absurdas como «Hoje, o Alabama, o Vermont a seguir!» e «O corpo não é teu... um corpo PURO!» Não a preocupava minimamente que as pessoas se rissem dela.

— Mantém-te atenta, Jeanie — disse-me a determinada altura. — Havia 21 mulheres no Senado, no ano passado. Agora, temos 15 representantes nessa merda desse santuário. — Ergueu uma mão e começou a contar pelos dedos. — Virgínia Ocidental. Não reeleita. Iowa. Não reeleita. Dakota do Norte. Não reeleita. Missouri, Minnesota e Arkansas, desistiram por «motivos desconhecidos». Fazendo as contas, passámos de uma representação de 21 por cento para 15 por cento, de um momento para o outro. E diz-se que o Nebraska e o Wisconsin se inclinam para candidatos com, e passo a citar, «os supremos interesses do país em mente».

Antes de conseguir impedi-la, passou aos números da Câmara dos Representantes.

— De 19 por cento para 10 por cento, e apenas graças à Califórnia, Nova Iorque e Florida. — A Jackie fez uma pausa para assegurar que eu continuava a ouvi-la. — O Texas? Foi-se. O Ohio? Foi-se. Todos os Estados do Sul? E tudo o vento levou, caramba! E achas que é passageiro? Depois das próximas intercalares, estaremos de volta ao início dos anos 90. Reduzindo outra vez a representação a metade, e estaremos na idade das trevas dos anos 70.

— A sério, Jacko. Estás a ficar histérica com isso.

As suas palavras perseguiam-me como flechas envenenadas.

— Alguém precisa de estar histérico por aqui.

O pior de tudo era que a Jackie estava errada. Não passámos de 20 por cento de representação feminina no Congresso para 5 por cento. Durante os 15 anos seguintes, chegámos quase a zero.

Na última eleição, atingimos esse ponto inimaginável e a previsão de «regresso aos anos 90» parecia sólida — se ela se estivesse a referir à década de 1890. O Congresso passou a ter a diversidade de uma tigela de gelado de baunilha e as duas mulheres que continuavam no executivo foram rapidamente substituídas por homens que, nas palavras da Jackie, «tinham os supremos interesses do país em mente».

A Cintura Bíblica expandiu-se e alastrou, transformando-se numa donzela de ferro.

Mas precisava ainda de um punho de ferro, de um braço armado. Também nisso, a Jackie parecera clarividente.

— Verás, Jeanie — disse ela, enquanto fumávamos cigarros baratos de cravinho junto à única janela do nosso apartamento. Apontou as cinco filas ordenadas de universitários marchando com passos coordenados. — Vês aqueles miúdos do curso de formação de oficiais?

— Sim — respondi, soprando o fumo pela janela e com desodorizante à mão para o caso de a senhoria aparecer. — O que é que têm?

— Quinze por cento são batistas de algum tipo. Vinte por cento são católicos. Quase outro quinto é composto por cristãos sem denominação, mesmo que não se perceba o que isso significa. — Ensaiei alguns anéis de fumo, vendo-os dançar pela janela fora.

— E então? O que sobra? Quase metade de agnósticos.

A Jackie riu-se.

— Desligaste o cérebro, Jeanie? Ainda nem falei nos mórmones, nos metodistas, nos luteranos ou na Conferência Cristã do rio Tioga.

— Tioga quê? Quantos desses há?

— Um. Acho que está na Força Aérea.

Era a minha vez de rir. Inalei longamente o fumo de cravinho, apaguei o cigarro e cobri-me com desodorizante.

— Então não é um grande problema.

— Esse, não. Mas os outros, sim. É uma organização em que a religião tem grande peso. — A Jackie debruçou-se da janela para ver melhor. — E são sobretudo homens. Homens conservadores, que amam o seu Deus e o seu país. — Suspirou. — Não sentem grande amor pelas mulheres.

— Isso é ridículo — disse eu, deixando-a queimar o outro pulmão com um segundo cigarro. — Não odeiam as mulheres.

— Precisas de sair mais de casa, miúda. Que estados achas que têm as taxas de alistamento mais altas? Pista: não ficam na Nova Inglaterra. Tudo bons rapazes.

— E então? — Irritava-a e percebia-o, mas não via a ligação que a Jackie tentava estabelecer.

— E então... são conservadores. Maioritariamente brancos. Maioritariamente heterossexuais. — A Jackie apagou o cigarro meio fumado, enrolou-o num saco de plástico e virou-se para mim com os braços cruzados. — Quem achas que está mais irritado agora? No nosso país?

Encolhi os ombros.

— Os afro-americanos?

Imitou uma buzina, um som que dizia «perdeu-mas-temos-prêmios-de-consolação-fantásticos-nos-bastidores».

— Tenta outra vez.

— Os gays?

— Não, tonta. O branco heterossexual. Está fulo. Sente-se castrado.

— A sério, Jacko...

— É claro que sim. — A Jackie apontou-me uma unha roxa. — Espera para ver. O mundo será diferente daqui a alguns anos, se não fizermos nada para o mudar. A Cintura Bíblica em expansão, representação ridícula no Congresso e um monte de rapazinhos sedentos de poder e cansados de ouvirem que deveriam ser mais sensíveis. — Riu-se. Uma gargalhada maldosa que lhe fez estremecer o corpo todo. — E não penses que são só os homens. As Ritas Catitas vão estar com eles.

— As quem?

A Jackie indicou com a cabeça o meu fato de treino e cabelo despenteado pela cama, a pilha de pratos sujos do dia anterior no lava-louça e, por fim, olhou para a sua própria roupa. Era uma das combinações mais interessantes que via nela em algum tempo. *Leggings* florais, uma camisola tricotada demasiado grande que costumava ser bege, tendo adquirido a cor de várias outras peças de roupa, e botas roxas de salto agulha. — As Susies Donas de Casa. Aquelas raparigas com saias e camisolas a condizer e sapatos práticos, estudando para os seus Diplomas de Mulher Casada. Achas que gostam de mulheres como nós? Desengana-te.

— Vá lá, Jackie.

— Espera para veres, Jeanie.

Esperei. E tudo foi, basicamente, como a Jackie disse que seria. E pior. Atacaram-nos de tantos lados e de modo tão discreto que nem tivemos hipótese de cerrar fileiras.

Aprendi uma coisa com a Jackie. Não podes protestar contra coisas que não sabes que vão acontecer.

Aprendi outras coisas há um ano. Aprendi como é difícil escrever uma carta ao meu deputado sem uma caneta ou enviar uma carta sem um selo. Aprendi como é fácil para o homem da loja de materiais de escritório dizer «Lamento, minha senhora. Não posso vender-lhe isso»,

ou para o funcionário dos correios abanar a cabeça sempre que alguém sem cromossoma Y lhe pede selos. Aprendi com que rapidez uma conta de telemóvel pode ser cancelada e com que eficiência rapazes alistados conseguem instalar câmaras.

Aprendi que, depois de haver um plano, tudo acontece da noite para o dia.

SEIS

○ Patrick está atiradiço esta noite, ainda que eu não esteja. Ou isso ou está a tentar aliviar o stress antes de outro dia de mais uma semana no trabalho que mantém gasolina no carro e que paga as contas dos miúdos no dentista. Até um emprego de topo no governo deixou de parecer suficiente, agora que deixei de trabalhar.

As luzes do alpendre apagam-se, os rapazes deixam-se cair nas suas camas e o Patrick deixa-se cair na nossa.

— Amo-te, querida — diz. As suas mãos curiosas mostram-me que não está pronto para dormir. Ainda não. Passou algum tempo. Alguns meses, calculo. Talvez mais.

E tratamos do assunto.

Nunca falei muito ao fazer amor. As palavras sempre me pareceram atabalhoadas nesse momento. Interrupções bruscas de um ritmo natural, de uma união elementar. E nem pensar em mantras ridículos saídos da pornografia: «Dá-mo todo. Aqui vou eu. Come-me. Mais forte. Oh, amor, oh, amor, oh, amor.» Tinham lugar em namoricos de cozinha ou em piadas brejeiras com as amigas, mas não na cama. Não com o Patrick.

Mesmo assim, falávamos. Antes e depois. Durante. Um «amo-te» — sons líquidos e deslizantes, apenas com um *t* turbulento pelo meio, uma consoante suave, de tantas formas adequada ao momento. Os nossos nomes sussurrados. «Patrick.» «Jean.»

Esta noite, com as crianças na cama e o Patrick dentro de mim, a sua respiração regular, próxima e ruidosa no meu ouvido, com os olhos fechados que não viam o brilho da Lua refletido pelo espelho da

cómoda, penso no que prefiro. Ficaria mais feliz se partilhasse o meu silêncio? Seria mais fácil? Ou preciso das palavras do meu marido para preencher os vazios no quarto e dentro de mim?

Ele para.

— O que se passa, querida? — Há preocupação na sua voz, mas parece-me ouvir uma entoação desconhecida, um tom que não quero voltar a ouvir. Pena.

Ergo os braços e coloco as duas mãos sobre a cara dele, puxando-lhe a boca para a minha. Falo com ele com o beijo, dou garantias, deixo claro como cada pequena coisa ficará bem. É mentira, mas uma mentira que se adequa ao momento, e não volto a ouvi-lo.

Esta noite, que tudo se cale! Silêncio completo. Um vazio.

Passo a estar em dois sítios em simultâneo. Estou aqui, por baixo do Patrick, com o peso dele suspenso sobre a minha pele, fazendo parte dele e continuando separada. Estou no meu outro eu, tentando abrir os botões do meu vestido do baile de finalistas no banco de trás do *Grand National* do Jimmy Reed, um carro para sexo como nenhum outro alguma vez fabricado. Ofego e rio-me, inebriada com ponche alcoólico enquanto o Jimmy me toca e apalpa. A seguir, canto na claque, incentivando a nossa péssima equipa de futebol, discursando como melhor da turma na graduação universitária, gritando obscenidades ao Patrick quando me diz que faça força e respire «só mais uma vez, querida», antes de a cabeça do bebé se tornar visível. Estou numa cabana arrendada, dois meses antes, deitada sob o corpo de um homem que quero desesperadamente voltar a ver, um homem cujas mãos ainda sinto sobre a minha pele.

Lorenzo, sussurro dentro da cabeça, pontapeando para longe as três sílabas deliciosas antes de a dor se tornar demasiada para suportar.

O meu eu torna-se cada vez mais fragmentado.

Em momentos como este, penso nas outras mulheres. Na Dra. Claudia, por exemplo. Uma vez, no seu gabinete, perguntei se as ginecologistas tinham mais prazer durante o ato sexual do que o resto de nós ou se, ao invés, se perdiam na natureza clínica do mesmo. Se se deitavam e pensavam: *Ah, agora a minha vagina expande e alonga-se, o meu clítoris expõe-se. Agora, o primeiro terço (mas apenas o primeiro terço) das minhas paredes vaginais contrai-se ao ritmo de uma pulsação por cada oito décimos de segundo.*

A Dra. Claudia retirou o espécuro com um movimento experiente e disse:

— Na verdade, nos primeiros tempos da faculdade de Medicina, foi exatamente isso o que fiz. Não conseguia evitar. Graças a Deus, o meu parceiro da altura era outro aluno de Medicina. Senão, acho que se teria vestido e me teria abandonado, a rir histericamente debaixo dos lençóis. — Tocou-me num joelho e retirou um pé, depois o outro, dos estribos revestidos com pano macio rosa. — Agora, apenas me dá prazer. Como a qualquer outra pessoa.

Enquanto penso na Dra. Claudia e no seu espécuro de aço brilhante, o Patrick atinge o orgasmo e desaba sobre mim, beijando-me as orelhas e o pescoço.

Penso no que farão as outras mulheres. Como aguentarão? Ainda terão alguma coisa que lhes dê prazer? Ainda amarão os maridos da mesma forma? Odiá-los-ão apenas um pouco?

SETE

Da primeira vez que grita, penso que é um sonho. O Patrick ressona ao meu lado. Sempre dormiu profundamente, e o seu horário durante o último mês deu cabo dele. Por isso, ressona, ressona, ressona.

A minha solidariedade já se esgotou. Que trabalhem 12 horas por dia para compensarem a eliminação de quase metade da força laboral. Que se sepultem em papelada e disparates administrativos e cambaleiem de volta a casa para dormirem como pedras até acordarem para começar tudo do início. O que esperavam que acontecesse?

A culpa não é do Patrick. O meu coração sabe isso e a minha mente também. Com quatro filhos, precisamos do rendimento do seu emprego. Mesmo assim, não consigo ser solidária.

Ouçõ-a gritar outra vez. Não é um grito sem palavras, mas sim uma torrente verbal arrepiante.

— Mamã, não deixes que me apanhe, não deixes que me apanhe, não deixes que me apanhe, não deixes que me apanhe...

Saio da cama num caos de lençóis e cobertores, com a camisa de dormir enrolada nas pernas. Bato com a canela num canto duro da mesa de cabeceira, em cheio no osso. Sangrará e deixará cicatriz, mas não penso nisso. Penso na cicatriz com que ficarei se não chegar ao quarto da Sonia a tempo de a silenciar.

As palavras continuam a jorrar, voando pelo corredor até mim como dardos envenenados disparados por um milhão de zarabatanas hostis. Cada uma perfura a minha pele outrora dura com a precisão de um bisturi cravado diretamente no meu estômago. Quantas palavras disse — 50, 60? Mais?

Mais.

Oh, Deus.

O Patrick também se levantou, pálido e de olhos arregalados, parecendo um herói de cinema aterrado por descobrir o monstro no armário. Ouço os seus passos acelerados atrás de mim, com o mesmo ritmo do sangue que me palpita nas veias. Ouço-o gritar:

— Corre, Jean! Depressa!

Mas não me viro. Portas abrem-se quando passo por elas. Primeiro a do Steve, depois as dos gêmeos. Alguém, talvez o Patrick, talvez eu, acende a luz do corredor, e três caras difusas, pálidas como fantasmas, surgem na minha visão periférica. É claro que o quarto da Sonia tinha de ser o mais distante do meu.

— Mamã, por favor, não deixes que me apanhe, não deixes que me apanhe, não...

O Sam e o Leo começam a chorar. Por um momento ínfimo, ocorre-me um único pensamento: *mãe horrível*. Os meus rapazes estão em pânico e passo por eles, sem me importar, ignorando-os. Preocupar-me-ei com esse dano mais tarde, se estiver em condições de me preocupar com alguma coisa.

Dois passos além da porta da Sonia, salto-lhe para a cama, procurando-lhe a boca com uma mão e cobrindo-a. A mão livre procura debaixo do lençol o metal duro do contador no pulso.

A Sonia geme por baixo da minha mão e vejo o relógio na mesa de cabeceira pelo canto do olho. Onze e meia.

Não me restam palavras durante a meia hora seguinte.

Os meus lábios formam em silêncio a palavra «Patrick», quando o vejo acender a luz. Quatro pares de olhos fixam-se na cama da Sonia. Parecerá violento, uma escultura grotesca. A minha filha, contorcendo-se, com a camisa de dormir transparente com suor. Estou deitada sobre ela, abafando-lhe os gritos e espalmando-a contra o colchão. Que terrível quadro faremos. Infanticídio puro.

O meu contador brilha com um 100 sobre a boca da Sonia. Viro-me para o Patrick, suplicando-lhe em silêncio, sabendo que, se falar, se o mostrador LED passar para 101, o choque inevitável será partilhado por ela.

O Patrick junta-se a mim na cama, afasta a minha mão da Sonia e substitui-a pela sua.

— Chiu, bebé. Chiu. O papá está aqui. O papá não deixa que te aconteça nada de mal.

O Sam, o Leo e o Steven entram no quarto. Procuram uma posição e, de repente, não resta espaço para mim. «Mãe horrível» torna-se «mãe inútil», duas palavras ressaltando contra o interior do meu crânio. Obrigada, Patrick. Obrigada, rapazes.

Não os odeio. Digo a mim mesma que não os odeio.

Mas, às vezes, odeio.

Odeio que os homens da minha família digam à Sonia como é bonita. Odeio que sejam eles a confortá-la quando cai da bicicleta, a inventar histórias de princesas e sereias para lhe contar. Odeio ter de ficar a assistir.

É uma provação recordar a mim mesma que não foram eles que me fizeram isto.

Que se lixe!

A Sonia acalmou. O perigo imediato passou. Mas reparo, enquanto saio do seu quarto, que os irmãos têm o cuidado de não lhe tocar. Para não ter outro ataque.

No canto da sala fica o nosso bar, um carrinho sólido em madeira suportando ampla provisão de anestésicos líquidos. Vodca e gin transparentes, whisky cor de caramelo, um dedo de cobalto no fundo da garrafa de *Curaçao* que comprámos anos antes para um piquenique de temática polinésia. Escondido no fundo, o que procuro: *grappa*, também conhecida como aguardante italiana. Puxo a garrafa com um copo e levo as duas coisas comigo para o alpendre das traseiras, esperando o soar da meia-noite no relógio.

Beber não é algo que faça muito hoje em dia. É demasiado depressivamente beber um gin tónico gelado e recordar noites de verão em que eu e o Patrick nos sentávamos lado a lado na varanda do tamanho de um selo de correio no nosso primeiro apartamento, falando sobre os subsídios da minha investigação e sobre a documentação que estava obrigada a entregar, enquanto ele falava sobre o horário infernal como interno no hospital universitário de Georgetown. Além disso, receio embebedar-me. Receio que o excesso de coragem etílica me faça esquecer ou ignorar as regras.

O primeiro copo de *grappa* desce como fogo. O segundo é mais suave e paliativo. Vou no terceiro quando o relógio anuncia o fim do dia e um apito baixo no meu pulso esquerdo me concede mais 100 palavras.

O que farei com elas?

Volto a entrar pela porta de rede, pisando o tapete da sala e levando a garrafa para o seu canto. A Sonia está sentada na cama quando entro no quarto. Tem um copo de leite nas mãos, apoiado pela mão do Patrick. Os rapazes voltaram para a cama e eu sento-me ao lado dele.

— Está tudo bem, querida. A mamã está aqui.

A Sonia sorri-me.

Mas não é isto o que acontece.

Levo a minha bebida para o jardim, passando pelas rosas que a Sra. Ray escolheu e plantou com cuidado, até ao canteiro escuro e de cheiro adocicado onde os lilases florescem. Dizem que devemos falar com as plantas para que cresçam mais saudáveis. Se for verdade, o meu jardim está moribundo. Mas, esta noite, não me importo com os lilases, com as rosas ou com qualquer outra coisa. Estou focada num tipo diferente de criatura.

— Sacanas de merda! — grito. E repito.

Uma luz acende-se na casa dos Kings e os estores verticais estremecem e abrem-se. Não me importo. Não quero saber se estiver a acordar o bairro todo, se me ouvirem no Capitólio. Grito, grito e grito até ficar com a garganta seca. Depois, bebo um gole diretamente da garrafa, entornando um pouco na camisa de dormir.

— Jean! — A voz vem de trás, acompanhada pelo bater de uma porta. — Jean!

— Deixa-me! — disparo. — Ou continuo a falar. — De repente, já não me importo com o choque ou com a dor. Se continuar a gritar, se insistir na raiva e abafar a sensação com bebida e palavras, a eletricidade continuará a fluir? Até acabar comigo?

Provavelmente, não. Não nos matarão pelo mesmo motivo pelo qual não aprovam abortos. Tornámo-nos males necessários, objetos para serem fodidos e não ouvidos.

O Patrick começa a gritar.

— Jean! Para, querida. Para, por favor.

Outra luz acende-se na casa dos Kings. Uma porta abre-se, chiando. Passos.

— O que raio se passa aí, McClellan? Há quem tente dormir! — É o marido, claro. O Evan. A Olivia continua a espreitar pelos estores, vendo o meu espetáculo da meia-noite.

— Vai-te lixar, Evan — digo.

O Evan anuncia que chamará a polícia, e não o faz de forma assim tão delicada. A seguir, a luz na janela da Olivia apaga-se.

Ouçõ gritos. Alguns são meus, e o Patrick está sobre mim, atirando-me à relva molhada, implorando, e sinto o sabor das lágrimas nos lábios dele quando me cala com um beijo. A primeira coisa que me ocorre é se ensinarão aquelas técnicas aos homens, se terão distribuído panfletos a maridos, filhos, pais e irmãos quando ficámos agrilhoadas por estas pulseiras de metal brilhante. Depois, decido que não quero saber.

— Larga-me. — Estou na relva, com a camisa de dormir colada ao corpo como uma pele de serpente. É nesse momento que percebo que silvo.

É também nesse momento que percebo que tenho os pulsos mais próximos.

O Patrick segura-me o pulso esquerdo e verifica o número.

— Acabou, Jean.

Tento soltar-me, um ato tão vazio de esperança como o meu coração. Sinto o sabor a relva amarga na boca até perceber que mastigo um pedaço de terra. Sei o que o Patrick está a fazer. Sei que está determinado a absorver o choque comigo.

Por isso, calo-me e deixo que me leve para dentro enquanto as sirenes aumentam de volume.

O Patrick que fale com eles. Não me restam palavras.

«Uma versão aterrorizadora de *Handmaid's Tale* passada no presente e um lembrete importante acerca do poder da linguagem.»

ELLE UK

Estados Unidos da América. Um país orgulhoso de ser a pátria da liberdade e que faz disso bandeira. É por isso que tantas mulheres, como a Dra. Jean McClellan, nunca acreditaram que essas liberdades lhes pudessem ser retiradas. Nem as palavras dos políticos nem os avisos dos críticos as preparavam para isso. Pensavam:

«Não. Isso aqui não pode acontecer.»

Mas aconteceu. Os americanos foram às urnas e escolheram um demagogo. Um homem que, à frente do governo, decretou que as mulheres não podem dizer mais do que 100 palavras por dia. Até as crianças. Até a filha de Jean, Sonia. Cada palavra a mais é recompensada com um choque elétrico, cortesia de uma pulseira obrigatória.

E ISTO É APENAS O INÍCIO.

«A política dos nossos dias aparece-nos num livro impossível de pousar e perfeito para fãs de distopias.»

LIBRARY JOURNAL

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

2020 editora

ISBN 978-989-8917-58-4



9 789898 917584

Literatura Fantástica